



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE – PB
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

ISIDORO AMARAL

**MULHERES DE TIMOR-LESTE: ANALFABETISMO E
SUBJETIVIDADE**

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

ISIDORO AMARAL

MULHERES DE TIMOR-LESTE: ANALFABETISMO E SUBJETIVIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção de título de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, pelo Departamento de Letras e Artes do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação do prof. Ms. Ranieri Machado Bezerra de Mello.

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A485m Amaral, Isidoro
Mulheres de Timor-Leste [manuscrito] : analfabetismo e
subjetividade / Isidoro Amaral. - 2016.
24 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2016.

"Orientação: Prof. Me. Ranieri Machado Bezerra de Mello,
Departamento de Letras e Artes".

1.Análise do discurso. 2.Analfabetismo. 3.Subjetividade. 4.
Mulher timorense. I. Título.

21. ed. CDD 323.34

ISIDORO AMARAL

MULHERES DE TIMOR-LESTE: ANalfabetismo e Subjetividade

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção de título de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, pelo Departamento de Letras e Artes do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovado em: 17 de Outubro de 2016

BANCA EXAMINADORA

| | |
|---|------------------------|
| <u>Ranieri Machado Bezerra de Mello</u> Prof. Ms. Ranieri Machado Bezerra de Mello – UEPB (Orientador) | Nota <u>10.0</u> (10) |
| <u>João Paulo dos Santos de Andrade</u> Prof. Ms. João Paulo dos Santos de Andrade – UEPB (Avaliador 1) | Nota <u>10.0</u> |
| <u>Mábia Nunes Toscano</u> Prof. Ms. Mábia Nunes Toscano – UEPB (Avaliadora 2) | Nota <u>10.0</u> |
| | Média <u>10.0</u> (10) |

CAMPINA GRANDE – PB
2016

MULHERES DE TIMOR-LESTE: ANALFABETISMO E SUBJETIVIDADE

AMARAL, Isidoro
isidoroamaral@yahoo.com

MELLO, Ranieri
ranierimello@gmail.com.br

RESUMO

Tendo em vista, a perspectiva teórica da Análise do Discurso - AD francesa desenvolvida por Michel Pêcheux, que recebeu influências tanto de Benveniste, quanto de Bakhtin, no que se refere ao sujeito discursivo e, sabendo também que ela é um entrelaçamento de áreas do saber como a história, a psicanálise e a linguística, buscou-se desenvolver um trabalho que se propôs refletir e analisar discursivamente o sujeito, enquanto ser subjugado diante de ideologias socioculturais que remontam tempos inexatos na história, e que se perpetuam até os dias atuais, calando a voz e, por consequência, a subjetividade de mulheres que não foram alfabetizadas. Dessa forma, buscou-se retratar a postura e direitos (e a falta deles) das mulheres timorenses, principalmente as que sofrem segregação por terem sido escolarizadas, e como esse fator é determinante no olhar que a sociedade lança sobre elas. Como embasamento teórico para a pesquisa tomou-se as bases conceituais de autores como Fernandes (2007), Fiorin (2008), Mazolla (2009), entre outros. Para tanto, foi utilizado um “corpus” composto com quatro imagens de mulheres com faixas etárias diferentes, mas sendo duas delas alfabetizadas e as outras duas analfabetas e, ainda, um depoimento de uma mulher de meia idade analfabeta, para analisar como as regras ideológicas impostas contribuem para sua realidade de inferiorização e estigmatização social.

Palavras-chave: Análise do discurso. Analfabetismo. Subjetividade. Mulher timorense.

1 INTRODUÇÃO

O discurso quando se revela a partir de uma ótica histórica e social trata-se de um elemento passivo da Análise do Discurso (AD), ferramenta criada pelo filósofo francês Michel Pêcheux, na década 1960, tendo sua estrutura construída em bases históricas, linguísticas e psicológicas, inclusive quando o discurso se apresenta não só por meio da linguagem textual, mas, também num cenário simbólico mais amplo e complementar.

Em vista disso, o presente estudo questiona: como se apresenta a subjetividade da mulher na sociedade de Timor-Leste contemporânea, tendo em vista as implicações do (i)letramento na sua condição enquanto sujeita social? O

país possui variações na linguagem¹ utilizada entre a população, o que reflete no seu desenvolvimento educacional.

Em virtude desse cenário, constata-se que o letramento² não abrange toda a população. Sendo assim, existe no país um preconceito, em especial, às mulheres analfabetas que, devido às suas vestimentas próprias e modo de se apresentarem em público característicos da cultura timorense, são discriminadas e estigmatizadas pela sociedade timorense.

Dessa forma, o objetivo geral desse estudo é refletir a respeito da condição da mulher na sociedade timorense, observando a influência do letramento na constituição da subjetividade feminina. Além de investigar como o Discurso social influi na postura feminina em sociedade, tentando compreender de que forma se realiza o tratamento das mulheres analfabetas e letradas em Timor-Leste e, por fim, analisar a implicação da alfabetização para a constituição da mulher timorense enquanto sujeito social.

A escolha desses materiais, ou seja, das imagens que constituem textos, passíveis de uma análise discursiva, se deu por entender que elas possuem uma relevância direta com a nossa pesquisa, pois, é de nosso conhecimento que a subjetividade, enquanto perspectiva teórica juntamente com a análise do discurso, favorece uma leitura mais profícua das imagens e do depoimento, referentes à mulher timorense.

¹ Tem como língua oficial o português, no entanto, são utilizados muitos dialetos, sendo o mais falado o *Tétum*.

² O letramento, de acordo com Soares (1998), designa práticas de leitura e escrita.

2 METODOLOGIA

Esse estudo se apoia numa abordagem qualitativa, de ordem teórico-analítica, por sua relação dinâmica entre o mundo real, sujeito e o Discurso Linguístico, tendo em vista que “no processo de pesquisa qualitativa o pesquisador procura entender os fenômenos a partir das perspectivas dos objetos escolhidos para o estudo, para assim situar a sua interpretação” (SEVERINO, 2007, p. 145).

Na presente pesquisa, foram enfocados o ambiente natural e a sociedade timorense como fonte direta dos dados. Por meio de um caráter descritivo, de enfoque indutivo, foi feito um corte temporal espacial de determinado fenômeno, as diferenças entre mulheres analfabetas e alfabetizadas, a fim de refletir sobre as suas implicações sociais/identitárias. Para tal, foram utilizados um (01) depoimento recolhido, através de conversa informal e transcrito (Anexo A) e imagens de mulheres timorenses analfabetas e letradas (Anexo B) obtidas pelo fotógrafo Carlos Correia Amaral e enviadas no ano de 2016 para servir de objeto de análise e de discussão.

Por meio dos estudos discursivos/Análise do Discurso e das reflexões acerca do Sujeito, realizadas por Benveniste, Bakhtin e Pêcheux, buscou-se compreender aspectos referentes à subjetividade da mulher timorense.

Através de uma análise das imagens e depoimento de uma mulher timorense analfabeta (idosa), buscamos entender como o sujeito discursivo é influenciado pela ideologia, e como ela condiciona seu discurso. Foi analisado, ainda, o depoimento de uma mulher analfabeta, com idade de 56 anos aproximadamente, que discorreu sobre uma experiência vivida socialmente por não ser escolarizada. No diálogo, a mulher analfabeta descreve a sua condição social e descreve como o poder das regras e das leis são capazes de limitar as mulheres analfabetas e resultam em um discurso social repleto de preconceitos.

Dessa forma, em uma breve análise das imagens de mulheres timorenses analfabetas (idosa e jovem), buscou-se entender como o sujeito discursivo é influenciado pela ideologia e como ela condiciona seu discurso. Foi identificado ainda, como o poder das regras e das leis são capazes de limitar as mulheres analfabetas através de um discurso social repleto de preconceitos.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Benveniste e o Eu

Segundo Flores (2008), Benveniste é considerado o linguista da enunciação por dedicar seus estudos a “teoria da enunciação” sendo um dos linguistas a desenvolver, a partir do corte saussuriano, uma análise da língua voltada para a enunciação.

Voltando seus estudos para a parte excluída por Saussure, a língua, Benveniste (1989), em sua teoria, vai considerar sujeito e estrutura como elementos articulados. Assim, o linguista estabelece outro estatuto para o sujeito: para ele, não basta definir a pessoa em termos de presença ou ausência de pessoalidade, é preciso conhecê-la em termos de subjetividade. Quanto a isso,

A linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as normas linguísticas apropriadas à sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, pelo fato de consistir de instâncias discretas. A linguagem de algum modo propõe formas “vazias” das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua “pessoa”, definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como *eu* e a um parceiro como *tu*. (BENVENISTE, 1989 p. 289).

Com base no fragmento exposto, constata-se que a subjetividade dada por Benveniste (Op. Cit.) em seus estudos ao ‘eu’ faz com que o ‘tu’ seja apenas um interlocutor do discurso³. Benveniste (1989, p. 288) afirma que “eu se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor.” O linguista ainda diz que termo só pode ser identificado dentro da instância de discurso e que o ‘eu’ indica o locutor e que este, no enunciado, torna-se ‘sujeito’, considerando o ‘eu’ homogêneo e individual, sem considerar a ideologia e a historicidade.

Segundo Fiorin (2012), muitas críticas foram tecidas a Benveniste ao afirmar que o sujeito é único, porém, ao fazer essa afirmação, Benveniste refere-se ao fato de que “cada sujeito fala sozinho, mas não se pode falar junto” (FIORIN, 2012, p. 50). Por isso, tem subjetividade.

³ Entende-se por discurso “uma exterioridade linguística, constituído a partir do contexto social, e de tudo que o envolve em relação aos aspectos históricos, sociais e ideológicos”. (FERNANDES, 2007 apud ARAÚJO, 2016, p. 24).

3.2 Bakhtin e o Sujeito Polifônico

Bakhtin (2013), contrariando Benveniste, afirma que o sujeito não é individual, por ser histórico, social, ideológico e dialógico. A teoria bakhtiniana está centrada no dialogismo, que implica em vários sujeitos dialogando socialmente. Por se tratar de um ser histórico, o sujeito carrega em seus discursos, os discursos dos outros, inexistindo discurso adâmico.

Fernandes (2007) afirma que a noção de polifonia foi usada pela primeira vez por Bakhtin e que, tanto a noção de polifonia, quanto o dialogismo surgiram através de estudos de textos literários, embora não se limitam a eles.

Silva (2013) afirma que, para Bakhtin, o signo é ideológico, pois os enunciados estão ligados a atividades humanas desempenhadas e a um lugar na história e na sociedade por um sujeito que interage com o outro. Silva ainda garante que para existir diálogo não é preciso estar face a face com o outro. Nesse sentido, Bakhtin e Volóshinov (2004 apud SILVA, 2013, p.113) afirmam que:

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige a alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor com o ouvinte. [...] a palavra é território comum do leitor e do interlocutor.

Com isso, é possível dizer que a teoria bakhtiniana e o dialogismo estão intrinsecamente ligados ao conceito de língua que considera a interação verbal. Assim, para um enunciado acontecer é preciso que se tenha um locutor e um interlocutor que estes façam uso da palavra. Por isso, o sujeito, para Bakhtin é social e heterogêneo, pois carrega vários discursos de outros, podendo eles estar expressos de forma direta ou indireta.

3.3 Pêcheux e o sujeito assujeitado

O filósofo francês Michel Pêcheux é considerado como o fundador da Análise do Discurso – AD. De acordo com Santos (2013), a AD foi fundada em 1969, tendo sua estrutura construída em bases históricas, linguísticas e psicológicas. O materialismo histórico contribuiu com uma teoria das formações sociais e suas transformações; a linguística com uma teoria dos mecanismos sintáticos e processos de enunciação; a

teoria do discurso com uma teoria da subjetivação do sujeito. A linguística, como disciplina que estuda a linguagem, foi adotada a partir do século XX. Sendo assim, diversas outras tendências vieram para reforçar as demandas saussurianas que dizem respeito à língua como objeto de estudo. Nesse sentido, surgiu um olhar mais profundo que a AD tem nos estudos da linguagem.

A AD surgiu na França, nos idos de 1960, e diverge da análise de conteúdos, que concebe às articulações linguísticas e textuais, muito em voga na área das ciências humanas, trabalhando com a ideia de o discurso ser entendido como seu objeto próprio. Desse modo, a AD passa a ser considerada “o modo de funcionamento linguístico-textual dos discursos, as diferentes modalidades do exercício da língua num determinado contexto histórico-social de produção” (BRANDÃO, 1998 p. 19 *apud* SANTOS, 2013 p. 210).

Dessa forma, o conceito de Análise do Discurso ocorreu em virtude de uma disciplina, a qual constitui seu objeto de estudo, o discurso, não aquele conhecido popularmente, nem o institucional ou o discurso político. Entende-se por discurso aquilo que materializa a linguística, produzindo um sentido textual, podendo ser também por imagens, pinturas, ou seja, tudo aquilo que transmite um sentido.

Em outras palavras, tendo o discurso como objeto de estudo, a AD não busca apenas a materialidade linguística, vai mais além, procurando entender o sujeito discursivo, a sua ideologia, o lugar social que ele está inserido, bem como sua história. Essa visão ampla que a AD tem sobre o discurso foi fortalecida pelas ideias e conceitos de diversos teóricos, entre eles Michel Pêcheux, considerado o precursor desses estudos.

Vale salientar que a origem da AD não era reconhecida pela visão saussuriana, e só foi incluída apenas nos novos estudos sobre a linguística. Se antes havia a preocupação apenas com as frases com o surgimento da referida perspectiva teórica, passou-se a valorizar a fala e o sujeito como “Linguística do discurso”, que também considerava os fatores sociais e históricos.

A partir da contribuição de teóricos da linguagem que enfatizam as questões sociais do discurso, a AD foi fortalecida no sentido de considerar o sujeito como produtor do discurso, objetivando compreendê-lo a partir de um determinado discurso. Para Mazzola (2009, p. 9), “os discursos históricos e

sociais (teoria marxista); Realizados por sujeitos (teoria freudiana); realizáveis por meio da materialidade da linguagem (teoria saussuriana)”.

Em relação à Psicanálise, o Materialismo Histórico e a Linguística, pode-se afirmar que a AD mantém um diálogo que a torna uma disciplina de entremeios teóricos. Devido às várias contribuições e reformulações dos conceitos, diz-nos Pereira (*no prelo*) que a análise do discurso passou por três fases e tiveram contribuições importantes de Lacan, Bakhtin, Foucault, Benveniste e outros que contribuíram ricamente com a evolução da AD. Na primeira fase Pêcheux foi influenciado pelo psicanalista Lacan.

Mazolla (2009) indica que o início da primeira fase foi marcado pela obra “Análise Automática do Discurso” (AAD), que analisava o discurso político, nela a questão da maquinaria discursiva funcionava como aparelho ideológico, que faz com que os sujeitos obedeçam a regras impostas automaticamente, isto é sem se dar conta de que estão sendo manipulados por uma instância social.

Pereira (*no prelo*) aponta que o sujeito nessa fase vai ser assujeitado de duas formas, primeiro ele vai ter a ilusão de que o discurso homogêneo é seu; segundo sofrerá influência dos aparelhos ideológicos do estado, sem se dar conta que está reproduzindo a maquinaria discursiva, sem ter consciência que o discurso não é seu e que não tem controle dos sentidos. Estando esses fatores associados à falta de controle do sujeito sobre os sentidos que dos discursos.

A segunda fase da AD, nos afirma Pereira (*no prelo*), Pêcheux, após fazer uma “autocrítica”, percebeu que sua teoria não era suficiente para dar conta dos fenômenos linguísticos, tais como, a paráfrase. Iniciando um movimento em direção a heterogeneidade, vai sofrer influência do filósofo Foucault, que o inspirará na organização do conceito de formação discursiva.

Pereira (*no prelo*) ainda assegura que Pêcheux fez a junção da maquinaria discursiva com o conceito de formação discursiva e estabelece a relação discursiva de cada sujeito, porém o sujeito continua assujeitado, submisso ao discurso dos aparelhos ideológicos. Mazzola (2009, p. 14, grifo do autor) afirma que “esse período é marcado por duas incorporações: a) do conceito de aparelhos ideológicos, de L. Althusser; b) da releitura da noção de FD, de Foucault, mas no interior das lutas de classes”. Nesse aspecto, pode-se afirmar que os principais aparelhos ideológicos do Estado são constituídos pela família, a igreja e a escola, devido a capacidade que essas instituições

possuem de influenciar o discurso de cada sujeito direta e indiretamente, sem que ele atente para isso.

Ainda de acordo com Mazzola (2009), Revuz e Bakhtin têm uma influência direta na desconstrução da formação discursiva do sujeito. Segundo o autor, tais discursos serão substituídos pelo interdiscurso e pela memória discursiva, tida como uma memória social adquirida inclusive inconscientemente. Além disso, na AD3 há um questionamento de conceitos antes aceitos, sendo adotadas outras noções como a heterogeneidade discursiva.

Para Mazzola (2009), muda-se complementemente o conceito de sujeito, passando a admitir que o sujeito é heterogêneo e não mais homogêneo, como em duas fases anteriores, além de ser constituído pelas várias vozes contextualizadas pelo sócio-histórico-ideológico em que se insere. Na terceira fase é relevada a importância do outro, definido como interlocutor, concebendo-o como forma de existência do discurso, ou seja, só há discurso porque existe o outro para quem o discurso é dirigido, ocorrendo assim, o interdiscurso que é considerado o entrelaçamento entre muitos discursos e outros sujeitos, sendo esse o conceito de Bakhtin, os discursos sempre estão ligados aos sujeitos.

3.4 A Construção do Sujeito Discursivo

Com relação à construção do sujeito da AD3, ele não é mais assujeitado, mas heterogêneo, pois é marcado por diferentes vozes em seu discurso, o qual é caracterizado pela ideologia existente, tendo como definição a concepção de vários assuntos permeados na sociedade, tendo em si uma visão própria e diferente sobre determinado assunto, assim como a forma distinta de concebê-lo. Quanto a isso, a AD incorpora o pensamento de Marx (2004) sobre a proximidade da ideologia com as classes dominantes, como forma de controle da sociedade. Tais conceitos marxistas são a base dos estudos de Pêcheux.

Para Baracuy (sd. , p. 03):

Para Pêcheux, o sujeito é interpelado, constituído pela ideologia. Isto significa que ele não é livre para dizer o que quer, mas sua fala é determinada pela sociedade em que está inscrito. A este (não-) sujeito, na verdade, um assujeitamento ideologicamente, Pêcheux chama de forma-sujeito. A forma sujeito é, portanto, o sujeito que

passa pela interpelação ideológica, ou em outros termos, o sujeito afetado pela ideologia.

Dessa forma, para Pêcheux, o sujeito é influenciado pela ideologia que traz consigo, tendo assim, a capacidade de definir suas escolhas, suas opiniões e posturas do dia-a-dia. Nesse sentido, o sujeito falante não é parte central de seu discurso, mas concentra outros discursos representados pelo grupo social que ele faz parte, qual seja, família, amigos, escola, igreja etc. Sendo assim, é possível identificar tal sujeito pelas escolhas lexicais usadas para materializar seu discurso. Portanto, a ideologia é essencial tanto na produção do discurso, bem como para compreendê-lo. Para Pereira (s/d, p. 06),

Pêcheux defende que o sentido não está em si mesmo, na relação com a literalidade do significante, mas é determinado pelo sujeito através de suas posições ideológicas que estão em jogo, no processo sócio-histórico de produção das palavras.

Nessa perspectiva, Foucault (1996 apud DOMINGOS, 2009, p. 21) assegura que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos”. Portanto, a ideologia do sujeito é refletida no sentido produzido por seu discurso e apenas uma palavra pode estar carregada de ideologia, que provoca efeitos diversos. Sendo assim, sujeito e ideologia são determinantes no discurso; fato que reforça outro conceito fundamental de Foucault que é o “poder”. Frequentemente se ouve “saber é poder”, mas discurso também é poder.

Nesse aspecto, percebe-se que o discurso é fonte de poder que revelam verdades concebidas e aceitas por todos. Para Domingos (2009, p. 21), “o poder do discurso de instituir “verdades” leva a se repensar a relação do homem com a verdade, com o verdadeiro de sua época”. Portanto, a relação entre o poder e a verdade de um discurso está representada pela ideologia do sujeito.

Compreende-se assim, que, na maioria das vezes, é o poder que o discurso do outro possui sobre o sujeito que irá constitui-lo. No entendimento de Domingos (2009, p. 21), “através dos discursos supostamente verdadeiros, constitui-se toda a cultura de uma época”. Portanto, os discursos da medicina, da Igreja, da família etc. são admitidos como verdades, com a capacidade de disciplinar os sujeitos.

3.4.1 Sujeito

O sujeito é estabelecido pela ideologia a partir da utilização da língua, configurando-se, assim, o sujeito-histórico, correspondendo, dessa forma, a sociedade e representado pela sua contradição de liberdade e submissão simultânea, devido sua posição ideológica dominada pela língua que o envolve pela experiência do mundo que o cerca (MARIANI, 2009).

De acordo com Mariani, a experiência do mundo diz respeito a outro elemento essencial do sujeito: a cultura, a qual é entendida, discursivamente, como “uma forma de produção social que aponta para características ou especificidades das relações entre sujeitos, numa dada formação sócio-histórica” (MARIANI, 2009, p. 44). Sendo assim, a individualidade do sujeito está refletida em uma condição ideológica coletiva, de maneira que a sua enunciação é dada a partir das várias concepções discursivas do seu grupo social.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O estudo identificou, inicialmente, o ambiente natural em que se situam os sujeitos da pesquisa, abordando características culturais que identificam às mulheres analfabetas, além de fazer um comparativo entre elas e as mulheres letradas. Em seguida, foram analisadas as imagens com suas devidas caracterizações discursivas, além dos depoimentos desses sujeitos que são integrantes da sociedade timorense (mulheres analfabetas e letradas). Sendo assim, os discursos visuais e orais coletados e que foram transcritos, serviram de base para a análise do estudo.

4.1 Um breve olhar sobre Timor-Leste⁴

Timor-Lorosa e/ou Timor-Leste, oficialmente *República Democrática de Timor-Leste* é considerado como um país muito recente em relação a outros países do mundo. Está localizado no Sudeste Asiático e faz divisa com a Austrália e a Indonésia. A sua capital é a cidade de Díli, situada na costa norte. Este país é pequeno, mas possui, mais ou menos, 32 dialetos, sendo a língua mais utilizada o *Tétum*, embora a língua oficial do país seja o português.

Timor-Leste foi colonizado pelo Império Português no século XVI e era conhecido como Timor-Português até a descolonização desse país. Em 1975, Timor declarou sua independência, porém, no final daquela época, foi invadido e ocupado pela Indonésia e anexado como a 27ª província desta no ano seguinte.

Em 1999, depois de um ato de autodeterminação patrocinado pelas Nações Unidas, o governo indonésio deixou o controle do território. Depois da independência, o país tornou-se membro das Nações Unidas e da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Posteriormente, em 20 de maio de 2002, tornou-se o primeiro novo Estado soberano do século XXI.

Atualmente, o país possui uma renda média inferior à economia mundial, sendo que 37,4% da população do país vivem abaixo da linha de pobreza internacional e cerca de 50% da população é analfabeta. Este país continua a sofrer os efeitos colaterais de uma luta de décadas pela independência contra a colonização indonésia, que destruiu severamente a infraestrutura do país e já matou cerca de mil pessoas ou mais.

⁴ Dados retirados do site oficial do Governo Democrático de Timor-Leste - <http://timor-leste.gov.tl/?p=29>.

4.2 A cultura timorense: mulher analfabeta

A cultura de um povo é dinâmica devido à capacidade que o ser humano tem de questionar os seus próprios costumes e modificá-los. Nesse sentido, a sociedade está sempre se transformando, mesmo que o ritmo da mudança de determinadas sociedades seja menos acelerado que de outras. É relevante entender esse processo, pois poderá ser mais fácil aceitar novas condutas e o comportamento de outras culturas.

Segundo Laraia (1986, p. 68) “, o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, resultado da operação de uma determinada cultura.” Em outras palavras, a cultura condiciona a visão do mundo do homem e, em decorrência da cultura, o mesmo exhibe condutas distintas, embora compartilhem da mesma formação social.

Destarte, para alguns comportamentos fisiológicos fundamentais que ocorrem de maneiras diferentes em determinadas culturas em decorrência da endoculturação⁵, como o riso, a sexualidade, entre outros, ocasionando a tendência etnocêntrica, que considera, de maneira geral, o modo de viver da sua cultura como superior aos dos demais, ou seja, somente sua cultura é verdadeira, isto é um equívoco, pois todas as culturas, sem exceção, são verdadeiras e possuem princípios válidos e devem ser respeitadas. Ainda Laraia (1986, p. 73) diz que “o etnocentrismo, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que a própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a sua única expressão. As autodenominações de diferentes grupos refletem este ponto de vista”.

Laraia (1986, p. 101) ressalta também que:

Cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema.

⁵ É o processo cultural no qual “os indivíduos aprendem o modo de vida da sociedade na qual nascem, adquirem e internalizam um sistema de valores, normas, símbolos, crenças e conhecimentos” (ASSIS, 2008, p. 05).

O Timor-Leste tem suas culturas próprias. Uma delas é a questão das regras impostas à mulher analfabeta, a exemplo da forma de se vestir, que é singular em relação às mulheres letradas. Além do poder desse sistema de segregação, a analfabeta sofre com as discriminações sociais presentes no discurso da população em que está inserida.

A cultura que seguem as mulheres timorenses vem desde sua origem, com seus antepassados. O que muda hoje é que passou a existir maneiras diferentes de vestimentas, muito mais ainda para as letradas, mas sempre que teve e tem esse número de analfabetas com sua única roupa que não muda em nada. De acordo com a modernidade que muitas mulheres já conhecem e têm acesso ao ensino o número das letradas evoluiu bastante. Mas, não desapareceram as mulheres analfabetas. Desde sempre, houve roupa para mulheres letradas e analfabetas, com vistas a diferenciá-las. Ou seja, é possível dizer que o vestuário de hoje é “apenas” uma mudança de sistema cultural de determinada sociedade, com o advento do sistema escolar.

4.3 O sujeito discursivo no depoimento e nas imagens das mulheres timorenses analfabetas e letradas

A análise do discurso no depoimento obtido junto a uma mulher timorense analfabeta visa descrever o sujeito discursivo que está presente em seus vestuários e em sua aparência. O discurso oral representado nas imagens mostra a influência no comportamento de mulheres timorenses analfabetas e letradas pelo fato de existir valores culturais, os quais são aceitos de forma diferente pelos sujeitos que fazem parte da sociedade e passam a assumir diferentes costumes que estigmatiza e discrimina pessoas, através das ideologias constituídas ao longo do tempo.

Dessa maneira, é conveniente que o sujeito fique assujeitado, ou seja, influenciado pelo comportamento dos demais, pois constrói sua imagem de acordo com as ideologias criadas, seja por motivo cultural ou através de novas normas externas adotadas pelos integrantes do meio social. Sendo assim, as mulheres analfabetas passam a sofrer preconceito não apenas pela falta de

conhecimento da escrita e da leitura, mas também por manter tradições culturais com relação ao modo de se apresentar em público.

Como pode ser visto nas imagens 01 e 02, é muito comum haver uma divisão marcada a partir do vestuário que se diferencia entre as mulheres timorenses. No caso das mulheres analfabetas se vestem “com uma única maneira de ser”, a qual persiste até hoje e caracteriza a presença de uma continuação, pois são herdeiras de uma cultura nacional, ou seja, uma regra da sua origem cultural que são respeitadas por essas mulheres analfabetas.



Foto 01 - Mulher analfabeta idosa
Fonte: Amaral, 2016.



Foto 02 - Mulher analfabeta jovem
Fonte: Amaral, 2016.

As fotos 01 e 02 mostram mulheres analfabetas (idosa e jovem), cujos vestuários constam de uma camisa simples de manga longa, confeccionada por ela própria, também um costume das mulheres analfabetas, chamada “Kabaya”, tem um alfinete para pregar. A outra roupa que se veste por baixo da “Kabaya” também é feita por ela, se chama “Tais-feto”, significa “roupa de mulher analfabeta”.

Outro aspecto é em relação à aparência. Dá para ver que as referidas mulheres não soltam seus respectivos cabelos nem os pintam, não faz *make-up* ou maquiagem, não mostram seus braços e suas pernas. As mulheres que não

foram escolarizadas não usam batom ou pintam as unhas, nem modelam as sobrancelhas.

“Tudo isso é uma das regras e leis desde a nossa origem dos nossos antepassados (essa regra é o dizer deles que não permite de que a mulher analfabeta não use saias etc.). [...] Essa regra com objetivo de poder classificar a mulher timorense ‘de quem é letrada e analfabeta’”. (L.R.)

Esse cenário corrobora com o pensamento de Pêcheux (1990), segundo ele, a palavra fala da imagem, descrevendo-a e traduzindo-a, mas não avalia a sua importância visual, como também não dá detalhes de sua constituição histórica, apenas considera o presente. Assim ver-se a imagem da mulher timonense (analfabetas) através da fala da participante da pesquisa dando uma interpretação descritiva do que é visto.

“Seja nas festas, nas eleições, em casa, na vida agrícola etc. todas as mulheres timorenses analfabetas têm cabelo todo amarrado por cima sem usar fechos, redondo, sem soltá-lo, tem só uma única vestimenta, uma de baixo e outra de cima com a manga longa, não pinta os lábios de batom, não pinta o cabelo de qualquer cor, não usa sapatos de salto alto, nem mesmo sapatos e sim só com as sandálias simples, não usa calças longas e curtas, não usa saias e vestidos.” (L.R.)

Tal depoimento mostra que, ao falar de maneira geral das mulheres de Timor-Leste que não sabem ler e escrever (analfabetas) - sejam elas jovens ou idosas, é importante ressaltar a preservação de uma cultura, a qual tem uma forte ligação com sua origem, com a identidade nacional, algo que é imóvel e que representa o país em si. No entanto, ao respeitar tal cultura, elas passam a ser discriminadas, principalmente com relação às ideologias que institui a ideia de que é o uso de tais vestimentas que as diferenciam das mulheres letradas.

De acordo com Silveira e Duarte (2014), as considerações acerca do discurso imagético numa perspectiva da Análise do Discurso de Pêcheux, tem por base o fato de que a imagem vai além das barreiras do discurso verbal, atuando no campo de representação simbólica, mantendo um diálogo com a realidade que a representa.

Diante de tal fato, a análise do discurso das imagens demonstra uma situação de violência simbólica devido ao fato de que, para seguir a sua cultura, a

mulher não se desfaz de costumes históricos, mas é estigmatizada por isso. Mesmo não sendo física, a violência simbólica, ainda assim, resulta numa agressão social através da inferiorização de um sujeito, seja pela sua condição de escolarização, seja pelo seu modo de se apresentar em público.

Dessa forma, as mulheres analfabetas do país não são sujeitos que têm sua subjetividade levada em consideração, devido uma ideologia de segregação cultural entre o público feminino. Estas mulheres vivem de um modo específico sem questionar o poder ideológico que as subjuga enquanto sujeitos. As ideologias separatistas dominantes que perpassam a sua cultura as subjuga enquanto sujeitos inferiores, sem poder de decisão sobre sua própria forma de vestir, seja dentro de sua própria casa ou em qualquer outro ambiente. Mesmo que este lugar designe uma roupa mais formal, a vestimenta não pode mudar.

Dessa forma, ao relacionar as imagens, a partir de um olhar comparativo entre a mulher analfabeta e a letrada em Timor-Leste, é possível compreender que, apesar de ser um só gênero, existe a diferenciação discriminatória que é vivenciada e que gera um discurso ideológico a partir das imagens apresentadas. Na fotos 01 e 02 dá para perceber, aparentemente, que o vestuário das mulheres analfabetas, gera comentários das pessoas que as identificam com sem qualificação ou competência profissional.

Nesse sentido, Fairclough (2001 apud MELO, 2009, p. 03) entende que o discurso, é

Como uma prática social reprodutora e transformadora de realidades sociais, a partir de uma perspectiva psicossocial, tanto propenso ao moldamento ideológico e linguístico quanto agindo como transformador de suas próprias práticas discursivas, contestando e reestruturando a dominação e as formações ideológicas socialmente empreendidas em seus discursos.

Nesse sentido, é preciso compreender que o sujeito discursivo não é algo particularizado, mas aquele que está inserido na sociedade de forma geral, que envolve não só o social, mas também o sujeito histórico e se constitui a partir de outros discursos, transformando-o em um ser heterogêneo, polifônico. É, portanto, “fruto de um entremeio entre movimentos metafóricos e metonímicos, paráfrase e polissemia, ele significa e é significado em determinadas condições pelo viés do interdiscurso, que sustenta seu dizer” (PATTI, 2012, p. 02).

Dessa forma, é facilmente percebido que uma grande parte das mulheres que vivem no interior e/ou na cidade continua sofrendo preconceito, principalmente, aquelas que não têm acesso ao ensino e, conseqüentemente, ao emprego, conforme podemos verificar no depoimento a seguir.

“Alguém pode falar: “Ah! Esta mulher é analfabeta, por isso não usa roupa da maneira que a letrada usa, pois ela não sabe escrever e ler, nem sabe cobrir a vagina. É matuta, mulher da área rural é assim, é uma mulher que não deve usar coisas modernas em relação com a roupa”. E independente de ser homem ou mulher letrada, eles têm sempre essa atitude de falar mal, por isso fico assim com humildade, e não fazer questão com isso tudo”. (L. R.).

Em relação ao exposto, observa-se que essa situação é a consequência direta do costume e da cultura timorense que tem um discurso que torna o sujeito assujeitado ao padrão adotado. No entanto, é preciso ressaltar que apesar das mulheres analfabetas sentirem-se inferiores pelo preconceito devido à falta de leitura e escrita, elas continuam com sua roupa característica, específica e única, embora já estejamos na era da globalização. Esse fato se refere à subjetividade de tais mulheres, pois elas não mudam a singularidade da roupa para se diferenciar, seja na igreja, no momento de eleição, ou no lugar público, nas compras, onde quer que estejam.

A subjetividade, na concepção Bakhtiniana se refere ao sujeito social, ou seja, é o sujeito situado, tendo sempre presente sua condição social e histórica real, única e singular, permanentemente constituinte e constituída independente de vozes e/ou perspectivas ideológicas e/ou posições sociais (MOLON, 2011). Sendo assim, as mulheres timorenses analfabetas mantêm sua imagem como forma de conservar sua subjetividade, apesar de serem submetidas a uma ideologia que as levam à inferioridade discriminatória pela sua condição educacional.

Quanto às mulheres letradas, são diferenciadas pelo vestuário variado. A foto 03, por exemplo mostra uma mulher idosa, letrada, professora de Língua Portuguesa na Escola Pré-Secundária Pública número 4 *Fatumeta-Díli*. Ela tem liberdade de usar vestido, sapatos e cabelo solto. Ela não pode usar aquelas roupas que as mulheres analfabetas vestem.

A foto 04 apresenta uma mulher jovem letrada que estuda na Universidade Nacional de Timor Lorosa'e (UNTL), na Faculdade de Educação e Artes, com a habilitação de Língua Portuguesa, também conhecida como FUP (Fundação Universitária Portuguesa). Nota-se que ela usa um vestido curto e cabelo solto. Essas marcas são consideradas únicas da mulher jovem letrada, pois só ela pode se vestir assim.



Foto 03 - Mulher letrada idosa.
Fonte: Amaral, 2016.



Foto 04 – Mulher letrada jovem.
Fonte: Amaral, 2016.

O discurso que identifica o sujeito, nas imagens 03 e 04, está relacionado à ideologia de empoderamento representado na forma de se apresentar das mulheres letradas timorenses, ou seja, devido sua condição acadêmica, elas se desprendem das regras culturais do país, adotando vestimentas e modos usuais de outras culturas para se mostrar na sociedade. Dessa forma, abandonam as vestes singulares que mulheres analfabetas usam, embora, às vezes, continuem usando.

Dessa forma, como podemos observar nas imagens acima, o sujeito discursivo se apresenta a partir de sua escolarização, demonstrando em sua aparência um modo de valorização social, a partir da formatação de uma ideologia que define o sujeito social. De acordo com Neckel (2004), o processo discursivo que

descreve a imagem compartilha aspectos históricos, sociais e ideológicos que determina a formação do discurso, o qual produz seu significado verbal e/ou não verbal.

Diante do que se apresenta nas fotos 03 e 04, é importante destacar que, em Timor-Leste, ser letrado tem um significado importante, principalmente quando esta condição diz respeito à mulher. Sendo assim, o discurso produzido nas referidas imagens dispõe que o sujeito nelas contido, ou seja, a mulher letrada timorense possui uma característica ideológica de liberdade, pois é lhes dado o domínio sobre suas ações, inclusive quando relacionado ao seu vestuário e sua aparência.

Seguindo esse pensamento, as imagens das mulheres letradas mostram um vestuário variado e sua aparência permite o embelezamento. A análise do discurso das imagens demonstra que só o fato da mulher ser letrada em Timor-Leste, a qualifica socialmente como melhores do que as analfabetas, o que nos remete à fala de Orlandi (2005, p. 32):

[...] O fato é que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua reação com os sujeitos e com a ideologia. A observação do interdiscurso nos permite remeter o dizer da faixa a toda uma filiação de dizeres, a uma memória e a identificá-lo em sua historicidade, em sua significância, mostrando seus compromissos ideológicos.

Dessa forma, o sujeito discursivo tanto nas imagens das mulheres analfabetas quanto das mulheres letradas está voltado para a inserção de ideologias que definem como as pessoas são vistas socialmente em Timor-Leste. O sujeito social que representa a mulher timorense está vinculado ao seu modo de conviver socialmente.

CONCLUSÃO

O estudo constatou que é possível identificar como, gradativamente, o discurso do sujeito incorpora o discurso da sociedade, da família, da igreja etc., ou seja, como ele é interpelado pela ideologia. Neste caso, pela ideologia da sociedade que, por sua vez, é influenciada por outras ideologias, constituindo um ciclo de influência ideológica, o que nos mostra que os discursos, independentes de seu poder, são influenciados pelos demais.

No discurso das mulheres timorenses analfabetas, observa-se o preconceito, a estigmatização e a segregação pelos quais passam tais mulheres, devido ao fato de elas seguirem sua cultura de origem no país, sendo subjugadas pelo poder das regras impostas. No entanto, a mulher analfabeta tem sempre que se submeter à sua posição, assim, incorpora o discurso e o poder da lei que predomina na sociedade timorense. As analfabetas se sentem inferiorizadas, principalmente as que moram e vivem nas áreas rurais influenciadas por esse discurso segregador, ocasionando uma separação das mulheres analfabetas e letradas e isso é feito por meio do discurso que diz o que elas devem ou não vestir.

Dessa forma, é possível identificar os conceitos da Análise do Discurso - AD trazidos anteriormente. Pois, além do poder das regras, os vários discursos, as várias vozes constituem o discurso do sujeito, tornando-o assim heterogêneo. É possível perceber a importância dos aparelhos ideológicos para constituição dos discursos e como eles são repetidos.

Nas vozes dessas mulheres percebe-se, claramente, a presença de interdiscursos, tendo em vista que o sujeito não é um ser individual, mas um ser social porque vive no meio de uma sociedade e é marcado pela história e pelo meio em que vive. Além disso, o sujeito é também plural, visto que, em seu discurso, estão intrínsecos muitos outros discursos, como um mosaico, que sempre dialoga com aqueles que vieram antes.

Constata-se, portanto, que o enraizamento ideológico de Timor-Leste com relação à posição das mulheres analfabetas na sociedade é extremamente forte, pois torna a classe subjugada, impotente ideologicamente e socialmente inapta quanto aos direitos igualitários. Com isso, a sua subjetividade não é respeitada.

ABSTRACT

Given the theoretical perspective of discourse analysis - French AD developed by Pêcheux, which was influenced both Benveniste, as Bakhtin, in relation to the discursive subject and also knowing that it is an area of interweaving of knowledge such as history, psychoanalysis and linguistics, we sought to develop a work that is proposed to reflect and analyze discursively the subject while being subdued before sociocultural ideologies dating back inexact times in history, and that are perpetuated to this day, silent voice and therefore the subjectivity of women who are illiterate. Thus, it sought to portray the position and rights (and lack thereof) of Timorese women, especially those who suffer segregation because they were educated, and how this factor is decisive in the look that society throws at them. As a theoretical basis for the research, authors use as Fernandes (2007), Fiorin (2008), Mazolla (2009), among others. For this, we used a corpus composed of four images of women with different age groups, but two of them literate and the other two illiterate and still a testimony of a woman half illiterate age, to analyze how the imposed ideological rules contribute to its reality of inferiority and social stigmatization.

Keywords: Speech analysis. Illiteracy. Subjectivity. Timorese women.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Carlos Correia. **Mulheres timorenses**. Fotos tiradas em Timor Leste-Díli – Becora. 2016. E-mail: carloscorreiaamaral@yahoo.com.

ARAÚJO, Jucélia Pereira de Brito. **A memória da ditadura militar do Brasil a partir das relações entre o silêncio e a fala da personagem Macabéia em o filme “A Hora da Estrela”**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, 2016. 46p.

ASSIS, Cássia Lobão. **Estudos contemporâneos de cultura**. Campina Grande: UEPB/UFRN, 2008. 15 fasc. – (Curso de Licenciatura em Geografia – EaD) 236 p.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARACUY, Regina. **Breve histórico da noção de sujeito**. (s/d) p. 1-7.

BENVENISTE, Emile. Da subjetividade na linguagem. **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Nacional, Ed. EDUDP, 1989, p. 284-293.

DOMINGOS, J. J. Poder e discurso: a contribuição de Michel Foucault. In: _____. **Discurso, poder e subjetivação: uma discussão foucaultiana**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2009. p. 19-34.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos, SP: Claraluz, 2007, 128p.

FIORIN, José Luiz. Enunciação e comunicação. In: FIGARO, Roseli. (org.) **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 46-78

FLORES, Valdir Nascimento. A linguística comporta a enunciação: Émile Benveniste. In: FLORES, Valdir Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 29-43.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

MARIANI, B. Sujeito e discursos contemporâneos. In.: INDURSKY, F. ; FERREIRA, M. C. L. ; MITTMAN, S. (orgs.) **O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. São Carlos: Claraluz, 2009. P. 43-52.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. 22. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. (2 volumes).

MAZZOLA, Renan Belmonte. Análise do discurso um campo de reformulações. In: MILANEZ, Nilton; SP: Janaina de Jesus. (orgs.) **Análise do discurso: sujeito, lugares e olhares**. São Carlos, SP: Claraluz, 2009, p. 7-15.

MELO, Iran Ferreira de. Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa**, Linguística e Literatura Ano 05 n.11 - 2º Semestre de 2009.

MOLON, Susana Inês. Notas sobre constituição do sujeito, subjetividade e linguagem. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 16, n. 4, p. 613-622, out./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n4/a12v16n4>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

NECKEL, Nádia Régia Maffi. **Análise de discurso e o discurso artístico**. Programa de Mestrado Ciências da Linguagem – UNISUL, 2004.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 2005.

PATTI, Ane Ribeiro. A noção de sujeito discursivo. **fragmentum**, n. 32. Laboratório Corpus: UFSM, Jan./ Mar. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/viewFile/4731/2869>>. Acesso em: 20 jul 2016

PÊCHEUX, Michel. Delimitações inversões, deslocamentos. Trad. José H. Nunes. In: **Cadernos de Estudos lingüísticos**, 19. IEL, Unicamp, 1990.

PEREIRA, Tânia Maria Augusto. **Nas trilhas histórias da Análise do discurso**. (s/d) p. 1-7.

SANTOS, Sonia SueliBerti. Pêcheux. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral. (Org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola, 2013, p. 209-233.

SILVA, Márcia Ivana de Lima e. **A gênese de incidente de Antares**. Porto Alegre-RS: EDIPUCRS, 2013.

SOARES, Magda Becker. **Letramento: Um Tema em Três Gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998, v.1. p.190.

ANEXO

ANEXO A – Depoimento original e traduzido

“Seja nas festas, nas eleições, em casa, ou na vida agrícola, todas as mulheres timorenses analfabetas têm cabelo todo amarrado por cima sem usar fechos, sem soltá-lo. Usam um único tipo de vestimenta, uma de baixo (tais-feto) e outra de cima com a manga longa (kabaya), não podem usar lábios de batom, nem pintar o cabelo de qualquer cor, nem usar sapatos saltos, nem qualquer tipo de sapatos, somente sandálias simples. Também não usa calças longas ou curtas, não usa saias e vestidos (convencionais). Tudo isso são regras e leis desde a nossa origem dos nossos antepassados. Embora tenha havido a colonização, os colonizadores (indonésios e portugueses) vieram a Timor só para reforçar esses princípios e não alteraram nada nesta tradição cultural. É uma das culturas forte timorense que nem colonização pôde transformá-la. Essas regras têm o poder de classificar a mulher timorense, entre quem é letrada ou analfabeta. Caso fugíssemos a essas regras impostas, poderíamos sofrer repressão, as pessoas iriam falar mal de maneira oculta e explícita também. Por isso as analfabetas não fogem dessa tradição, mas se sentem humilhadas com essa realidade, pois sofremos com o preconceito e discriminação social. Esse preconceito que podemos sofrer nos inibe de usarmos roupas da forma que as letradas usam. A mulher idosa ou jovem analfabeta usa a mesma vestimenta, por não permitir do sistema cultural que seja diferente, pois caso não seja desse jeito, podemos ouvir nos lugares coisas como: “Ah! Esta mulher é analfabeta, por isso não usa roupa da maneira que a letrada usa, pois ela não sabe escrever e ler, nem sabe cobrir a vagina. É matuta, mulher da área rural é assim, é uma mulher que não deve usar coisas modernas em relação com a roupa”. E independente de ser homem ou mulher letrada, eles têm sempre essa atitude de falar mal, por isso fico assim com humildade, e não fazer questão com isso tudo”. (L.R).

Makalero-um dos dialetos timorenses: “Tata ama isii, tau o were, tufura Timor kisi nomo isikola, sae mei dadi ku’u, nomo hau suri, lifa utu, tana-asan kutu, nunu nomo mei imir ini, sa’e nomo mei kalahini, ia uluhu nomo siu, kalasá kiasan nomo kutu, ki dikar o nána, saia nomo kutu, mar-mara, mau-maun tufura nomo isikola ere kasu ini lifa were mei tana-san kiadai, tau la’a o kasu ini were’e. Kutu ini ere houdai hana’e isi fidada ra ini mei we móto, wai nisi na’u mila’a, waini malae la mau ukun o na’u kua nini misa, nomo hau mei (Indonesia ki mau, Portugal ki mau o were’e. Were “kultura” si nomo hau mei). Wai konaini tufura Timor kimatara tau reeni isikola, taureeni nomo isikola fi hofe. Tata were faniho, tufurala nomo isikola la ere tafi haa walihi, hoonisi firakula namirala, tufura lolo’ee “were ka nomo isikolasi konaini lifa utu ta.”. Wainisi ini wa tufura nomo isikola ere, tauree faniho ini nau tepa lifa, nane’e kautee amuni fi huma na’asi. Amuni kiriale kia’a humae tiiri wainisi aratafula kutuhee nomo rau. fi isinete tiiri wainta amuni fi huma ere. Sa’a ho’o e fanihanta haa walihana si, naata lokata nau nomo kutu,ni nau tou netini natata nomo nau kasu tiara foili. Tata fanara, laida, hai kinei loloni nomo isikola ere kasuni hai tepa lifa farutahasan meihi were ”. Hoo nisi e amuni ere mei ani uma: feto foho, kuno, “buta huruf”, saapopor u nomo men e kiisilaani weree, nopae nikutu”. Tata namira, tufura wa meekerekini e hakau fi tafi mei rau suma. Waino fi asu ini nau tepa-teparini wedaimara. Nomo tia lolo.

ANEXO B – FOTOS DE MULHERES TIMORENSES (ANALFABETAS E LETRADAS)

Mulheres analfabetas timorenses (idosa e jovem)



Mulheres letradas (idosa e jovem)

